

# **Domingo de Ramos e da Paixão**

**20 de março de 2016.**

Queridos irmãos e irmãs:

A palavra do momento em nossa cultura hodierna é “imunidade”.

Obviamente esse vocábulo diz respeito à saúde física dos cidadãos, cada vez mais preocupados com doenças novas e antigas que desafiam a medicina em todo o mundo.

Há muito discurso sobre o que vem a ser imunidade e como nós a adquirimos. Basta-nos entrar em contato com os meios de comunicação e constataremos opiniões variadas e, inclusive, divergentes.

Quando estamos com baixa imunidade, estamos propensos a doenças, é o que sabemos. Assim também acon-

tece com a baixa imunidade espiritual, levando-nos a enfermidades inesperadas, relacionadas à fé que professamos e celebramos.

A liturgia de hoje, com a entrada de Jesus em Jerusalém aclamado rei e sua saída da cidade ultrajado, carregando a cruz, nos sugere refletir sobre a baixa imunidade da fé à qual estamos expostos.

O povo que se comprimia em Jerusalém para a Páscoa uma hora gritou hosana e outra crucifica-O. Se sua fé fosse vigorosa, ao gritar hosana não gritaria crucifica-O. Muitos, ou uma grande maioria, influenciada pelos fariseus, doutores da lei e sacerdotes se deixaram levar por suas opiniões e detrações e assim juntaram suas vozes para a condenação do Senhor. Sem dúvida, os seguidores de Jesus não se contagiaram. Estavam imunes à maldade dos que tramavam a morte do Cristo.

A saúde da fé para um cristão é tão o mais importante do que a sua física e psíquica. Com boa imunidade, não se deixa levar por opiniões diversas, divergente e antagônicas. Jamais será um caniço agitado pelo vento. Permanecerá firme em sua posição, pagando, obviamente, o preço de sua atitude.

O que nos mantém, portanto, com uma imunidade boa em relação à fé?

A resposta é muito simples. A fé deve ser alimentada pelos nutrientes que a Igreja oferece. Por isso Cristo a instituiu. A celebração litúrgica, os sacramentos, a lectio divina, a oração pessoal, a piedade sadia e o aprofundamento intelectual da mesma devem fazer parte de um ritmo de vida do crente. Apenas dessa forma podemos estar com alta imunidade espiritual, reagindo a tudo o que vem minar a fé transmitida pelos Apóstolos.

O estresse espiritual poderá surgir em nossa vida de fé e enfraquece-la, inevitavelmente, quando no centro de nossa existência não está Deus mas nós mesmos; quando uma fé e uma religião se põem a serviço do nosso eu. Então, queridos irmãos e irmãs, estaremos vulneráveis a qualquer palavra ou discurso que pretendam “cuidar de nós”, como verdades de fé. Sem dúvida, uma hora gritaremos hosana e outra crucifica-o para a mesma pessoa.

A baixa imunidade na vida de fé também aparece quando nós a alimentamos de maneira errada. Por isso é preciso discernimento para saber se a liturgia, o programa religioso, os estudos, a conferência, o show, a literatura e os debates que tramitam em nossa vida fazem-nos crescer na fé ou apenas exacerbam nossa emoção.

Perseguir e cultuar um Deus que nos bonifica em termos de saúde, economia, romance, status social, política

também provoca a baixa imunidade na vivência da fé. Esse não é o Deus que a Igreja anuncia e adora. Os paradoxos de nosso compromisso com Cristo, inexplicáveis, porém aceitáveis na fé, fazem parte de nossa opção por Ele e seu Reino.

Entretanto, para a fé se manter e orientar nossa vida não poderá permanecer a um nível de esclarecimento racional, menos ainda no sentimental. Precisa transformar-se em obras.

Provavelmente uma das obras mais difíceis da vivência da fé é permanecer incólume em meio a uma multidão que insiste em gritar hosana para a pessoa errada. Apenas com alta imunidade espiritual, ou seja, com uma fé fortalecida, podemos enfrentar esse tipo de martírio sem estresse e sem medo da exclusão radical e irreversível.

Deus nos abençoe a todos!